

A AMAZÔNIA INVISÍVEL

Até onde vai a perseverança frente à fatal invisibilidade?

Belém, 21.11.2019

SOMOS DO TAMANHO DOS NOSSOS SONHOS

O ser humano é sujeito de expectativas, a partir da projeção dos seus sonhos, desejos e vontades. Essa característica, ao lado da consciência, nos diferencia no reino animal. Somos, por excelência, animais que traçam planos e objetivos.

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar." ~ Eduardo Galeano

Para além de viver e morrer, nós desejamos, e isso dá sentido à nossa existência. Somos seres em constante busca por algo melhor, no cristianismo definido como o porvir. O problema não é sonhar, afinal, isso é imanente à condição humana, dotada de livre arbítrio. O problema é nunca poder concretizar sonhos!

OS TRABALHADORES DE VICTOR HUGO

Para o escritor francês Victor Hugo, em "Os Trabalhadores do Mar", pelo brilho dos olhos é possível identificar a quantidade de homens (sonhos) que há dentro de cada ser humano. Para ele, as decisões que tomamos enchem nossos olhos de fogo, gerado a partir da combustão de inúmeros pensamentos tímidos. Em resumo, para viver é preciso sonhar, mas para materializar sonhos é preciso ter coragem.

O romance "Os Trabalhadores do Mar", clássico da literatura francesa, completa a trilogia composta por "Corcunda de Notre Dame" e "Os Miseráveis". As três obras abordam o *ananke* (fatalidade em grego), mas cada uma se dedica à falência dos esforços humanos em um campo: natureza, religião e legislação.

Esse romance é um dos mais aflitivos estudos da relação entre o homem e a natureza. O protagonista, Gilliatt, está à margem da sociedade por sua condição social. Na época em que o produziu, Victor Hugo estava exilado em Guernesey, ilha que ambientou a história.

A pressão da sombra atua em sentido inverso nas diferentes espécies de almas. O homem, diante da noite, reconhece-se incompleto. Vê a obscuridade e sente a enfermidade. O céu é negro e o homem cego. Entretanto, com a noite, o homem abate-se, ajoelha-se, arrasta-se para um buraco, ou procura asas. Pergunta o que é, treme, curva-se, ignora. Às vezes quer ir lá. Aonde? Lá. Lá? O que é? Que há lá? Onde não vai o pé, vai o olhar, onde o olhar para, pode continuar o espírito. Não há homem que não tente, por mais fraco e insuficiente que seja. O homem, segundo a sua natureza, investiga ou espera diante da noite. Para uns é um rechaçamento, para outros uma dilatação. Por toda a parte o incompreensível, em parte alguma o inteligível.

Victor Hugo, Os Trabalhadores do Mar

OS TRABALHADORES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE (2019), o Brasil é um país desigual. Com 52,5 milhões de pessoas pobres, traça uma linha abaixo da dignidade humana. Entre os pobres, convive com 13,5 milhões de miseráveis. Em quatro anos (2014-18) a miséria avançou no Pará e de 680 mil esse Estado Amazônico passou para quase 1 milhão de miseráveis.

O mundo não conhece a Amazônia, muito menos as condições de vida dos agricultores familiares que batalham pela vida na região mais rica do planeta. O que é mostrado nos noticiários não é sequer a ponta de um estopim. Muito além do ambiental, o problema da Amazônia é social. A fumaça que eclipsa os amazônidas vem de queimadas ilegais, mas sobretudo de omissões covardes. O desconhecimento das condições de vida na região causa afastamento, mas não absolve os responsáveis pelo manto da invisibilidade.

Durante a 30ª reunião da Câmara Setorial de Palma de Óleo, realizada em Brasília dia 19 de novembro de 2019, o agricultor Antônio de Carvalho, convidado especialmente para aquela reunião, apresentou relatos tão verdadeiros e claros quanto chocantes:

“Nós temos que fazer uma educação no campo diferenciada. Nós levamos duas horas e meia para os alunos chegarem à escola, em transporte inadequado e quando eles chegam lá, falta merenda. Tudo isso gera muito transtorno”.



“A falta de capacitação dos agricultores é o que vem trazendo para baixo o índice de desenvolvimento da agricultura. Eu não tenho vergonha de falar, estudei só o primeiro ano do ensino fundamental por que eu vivia quase 40km longe da escola, e eu tinha que ir ‘de pé’, e depois enfrentar mais uma hora de tempo de remo em uma canoa para chegar na escola. Então, como é que eu ia aprender naquela época? O que é que eu ia estudar com fome?”

Escutar/ler os relatos do Sr. Antônio e ler a história de Gilliat possibilita algumas reflexões sobre a vida, entre as quais, que é preciso ser teimoso.

A perda das forças não esgota a vontade. Crer é apenas a segunda potência; a primeira é querer; as montanhas proverbiais que a fé transporta nada valem ao lado do que a vontade produz.

Os teimosos são sublimes!

Quem é apenas bravo tem só um assomo, quem é apenas valente tem um só temperamento, quem é apenas corajoso tem uma só virtude. O obstinado na verdade tem a grandeza!

Victor Hugo, Os Trabalhadores do Mar

“Essas são dificuldades tão grandes que não tenho palavras para descrever! E eu não estou falando só de Tailândia, Moju, Tomé-Açu e Acará. Estou falando de toda a região, por que acho que todos nós estamos na mesma situação”.

Quase todo segredo dos grandes corações está nesta palavra: perseverando.

A perseverança está para a coragem como a roda para a alavanca; é a renovação perpétua do ponto de apoio.

Esteja na terra ou no céu o alvo da vontade, a questão é ir a esse alvo.

Parecer é o talvez dos fortes, conquistar é a certeza deles.

Victor Hugo, Os Trabalhadores do Mar

“Não adianta fazer tanta pesquisa sobre a Amazônia e não ter conhecimento de quem está lá na ponta, que somos nós, os agricultores. Investem muito recurso em pesquisa e nada chega para nós, nada muda!”.

Vêm então à tona as perguntas que não merecem ser caladas: i) estas duas últimas falas do Sr. Antônio revelam que ele está desistindo de lutar?; ii) ante o peso da sua invisibilidade ele teria sido vencido pela fatalidade (*ananke*) de uma política pública irrealizável?

Não, nada disso pode ser extraído do depoimento mais simples e completo levado a conhecimento do Ministério da Agricultura. Nosso Gilliat encerrou sua fala com palavras de esperança: "Tenho três filhos e quero dar o melhor a eles. Não querem que passem pelas dificuldades que já passei. Acredito em um amanhã melhor!".

O RECURSO DE QUEM NÃO TEM RECURSOS

Para Roberto Yokoyama, que preside a Câmara Setorial da Palma de Óleo (CSPO), é notório e grave o descompasso causado pelo desconhecimento das peculiaridades da região amazônica. Essa pauta é prioritária para o setor, dentro da agenda de valorização do trabalho decente e apoio a arranjos socioprodutivos coletivos na cadeia produtiva.

Embora com certa controvérsia no Brasil, a **teoria da perda de uma chance** surgiu na França, em 1960, e foi bastante estudada por italianos, americanos e ingleses. Seu conceito leva em conta o fato de que a vida é orientada por expectativas e que uma oportunidade perdida pode mudar trajetórias e impedir a materialização de sonhos, ou seja, busca reparar danos de um resultado inviabilizado por terceiros.

A agricultura familiar, nos moldes como é praticada hoje na Amazônia brasileira, cria diversos obstáculos que levam milhares de pequenos agricultores à **perda da chance de viver com dignidade**. Em verdade, trata-se de uma política pública que foi desenvolvida com descolamento da realidade do campo e sem amparo de salvaguardas.

A falta de infraestrutura para escoar a produção, a escassa educação ofertada e o desinvestimento na capacitação orientada ao gerenciamento da propriedade como negócio, retira do pequeno agricultor qualquer chance de mudar de vida pelo trabalho. O Sr. Antonio de Carvalho resumiu bem a extensão da perda da chance para a agricultura familiar brasileira: "Sem o poder público nós pulamos no poço achando que tem água dentro, mas quebramos o pescoço e morremos".

Por toda a parte o incompreensível, em parte alguma o inteligível.



Precisamos apreender nosso tempo em sua totalidade e enxergar as pessoas eclipsadas.